

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

GABRIELLA DOS SANTOS PAIVA

DES-CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA.

MANAUS – AM

2021

GABRIELLA DOS SANTOS PAIVA

DES-CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA.

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Célia Aparecida Bettiol

MANAUS - AM

2021

GABRIELLA DOS SANTOS PAIVA

DES-CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA.

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovação em:

Banca Examinadora:

Célia Aparecida Bettiol

Prof.^a Dra. Célia Aparecida Bettiol

Orientador (a)

f

Prof.^a Msc. Jeiviane Justiniano

Membro da Banca



Adria Simone Duarte de Souza
Adria Simone Duarte de Souza

Prof.^a Msc. Adria Simone Duarte de Souza

Membro da Banca

Dedico este trabalho, acima de tudo, a Deus. A cada indígena que está buscando finalizar a graduação, a minha professora Célia, que com todo carinho e dedicação me incentivou nesta caminhada. A minha família que contribuiu nesta trajetória para o meu crescimento e aprendizagem. Aos que pagaram minha prova de ingresso no vestibular acreditando no meu potencial.

DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA.

RESUMO: O trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa narrativa, autobiográfica que teve como objetivo narrar minha trajetória pessoal, tendo como principal objeto de análise meu percurso formativo no curso de Pedagogia, na Universidade do Estado do Amazonas. Nessa narrativa ressalto minha participação em dois projetos de extensão “Tecendo diálogos Interculturais” e “Práticas de leitura e escrita: o Português como L2 para acadêmicos indígenas.”

Nessa narrativa faço a discussão de minha própria afirmação da identidade indígena Sateré Mawé e espero que esse trabalho possa alcançar outros jovens que, como eu, buscam essa autoidentificação. Destaco ainda minha participação nos projetos como um importante fator para minha identidade.

Palavras-chave: Narrativa; Sateré Mawé; Universidade.

DECONSTRUCTION OF INDIGENOUS IDENTITY.

ABSTRACT: The work presents the result of a narrative research, autobiographical that had as objective to narrate my personal trajectory, having as main object of analysis my formative trajectory in the Pedagogy course, at the University of the State of Amazonas. In this narrative, I emphasize my participation in two extension projects “Weaving Intercultural Dialogues” and “Reading and Writing Practices: Portuguese as L2 for Indigenous Scholars.” In this narrative, I weave the discussion my own affirmation of the Sateré Mawé indigenous identity and hope that this work can reach other young people who, like me, seek this self-identification. I also highlight my participation in the projects as an important factor for my identity.

Keywords: Narrative; Sateré Mawé; University.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. CAPÍTULO 1: DA INFÂNCIA À ADOLESCÊNCIA:	9
1.1. Transições Culturais	9
1.2. Descendências Ancestrais	11
1.3. Abertura da visão para o mundo espiritual	13
1.4. Herdando os dons da vovó Kharu	15
1.5. Da Trajetória educacional a autoafirmação indígena.....	16
1.6. O Povo Sateré Mawé	18
1.7. Convite inesperado	21
2. CAPÍTULO 2: VISIBILIDADE INDÍGENA	22
2.1 Os Projetos de Extensão “Tecendo Diálogos Interculturais” e “Práticas de leitura e escrita: o português como L2 para acadêmicos indígenas”.	22
2.2. Políticas públicas voltadas aos povos indígenas na Universidade	25
2.3. Ser Indígena Hoje.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
AMARAL, W. R. <i>As trajetórias dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos</i> . 2010. 591 f. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.	30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta as reflexões sobre a minha vivência enquanto acadêmica indígena do povo Sateré Mawé nos Projetos de Extensão “Tecendo Diálogos Interculturais” e “Oficinas de leitura e escrita: O Português como L2 para acadêmicos Indígenas da Universidade Do Estado do Amazonas (UEA).”¹ As narrativas e memórias sobre minha história serviram para des-construir a minha identidade indígena, como relato mais adiante.

Ao ingressar no curso superior de uma faculdade pública o acadêmico indígena, muitas vezes, se depara com várias dificuldades, dentre elas um vocabulário limitado e a sua escrita, o que o deixa vulnerável. Ser indígena fora de seu contexto social (aldeia) traz um grande impacto pois muitos espaços “educacionais” não estão preparados para agregar a grande diversidade indígena, mesmo ofertando as cotas.

É cada vez mais notável a presença de indígenas em contextos urbanos e dentro da universidade essa realidade também é vista, já que estamos em busca do conhecimento e aprendizado sempre pensando em contribuir futuramente na aldeia/comunidade por meio dos conhecimentos e da qualificação que o curso superior poderá nos ofertar, para assim emergir um protagonismo indígena.

Para nortear a pesquisa nos propomos a responder a seguinte questão: Quais fatores influenciaram a des-construção da minha identidade? Nas cidades grandes, existe uma pequena quantidade de oportunidades para nos povos indígenas, e dessas pequenas oportunidades os espaços que oferecem isto, a maioria encontra-se despreparada para a inserção do indígena e o configura como algo subalternizado ou folclórico.

A pesquisa segue uma abordagem qualitativa e se configura como uma pesquisa narrativa pautada na autobiografia, cujo tópico de análise será meu percurso formativo na universidade. Apoiamo-nos no referencial proposto por Elizeu Clementino de Souza (2014):

[...] as pesquisas (auto) biográficas tem se consolidado na perspectiva de pesquisa e como práticas de formação, tendo em vista a oportunidade[...] de narrarem suas experiências e explicitarem, através de suas narrativas orais e/ou escritas, diferentes marcas que possibilitam construções de identidades pessoais e coletivas. (SOUZA, 2014, p.40).

¹ São coordenadores dos Projetos: Célia Aparecida Bettiol ENS/UEA, Jeiviane Justiniano da Silva ENS/UEA; Luiz Davi Vieira Gonçalves ESAT/UEA; Wellington Douglas dos Santos Dias ESAT/UEA.

Teve como objetivo geral narrar a minha vivência como acadêmica indígena do povo Sateré Mawé no projeto de extensão sobre interculturalidade e português como L2, buscando descrever a minha trajetória e percurso nos projetos.

A opção da narrativa fundamentou-se em Benjamim (1994 apud DUTRA, 2002, p. 372) quando argumenta que na narrativa, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros”, na narrativa contempla a experiência contada pelo narrador e ouvida pelo outro, o ouvinte. Souza (2012, p.46) corrobora dizendo que “[...] narrar histórias e contar a vida caracteriza-se como uma das possibilidades de tecer identidade [...]”.

Por meio dessa pesquisa espero que eu consiga alcançar outros acadêmicos indígenas que passam ou passaram pelas mesmas dificuldades que eu dentro da universidade, servindo como estímulo e contribuição, somando nossas forças e vozes conseguiremos lutar por um espaço que esteja disposto a nos inserir em seu meio sem discriminação ou preconceito.

A escolha desse tema surgiu em decorrência da minha experiência e participação em dois projetos desenvolvidos na Escola Normal Superior “Tecendo diálogos interculturais” e “Práticas de Leitura e Escrita: o Português como L2 para acadêmicos indígenas”. Dentro desses projetos são trabalhadas várias questões, como interculturalidade, afirmação indígena, permanência etc.

Os dois projetos se complementam e, de certa forma ajudam no processo de descolonização projetado sobre os povos indígenas, construindo e mostrando uma aprendizagem significativa. Como integrante desses projetos eu pude me reconhecer e construir uma autoafirmação da minha identidade indígena, por me sentir tão segura e acolhida dentro desses projetos.

Minha inserção na UEA ocorreu no de 2016 e nesse ano a universidade não oferecia nenhum projeto voltado para essa temática o que me deixava com certo receio por não ter a certeza de que esse espaço seria o mais adequado para mim, então me tornei uma versão limitada de vocabulário, expressões, falas e posicionamentos. Em 2019 a criação dos projetos surgiu como algo revolucionário para mim.

Ao entrar no projeto consegui me identificar com a situação semelhante de alguns colegas indígenas e com a convivência com essa diversidade de povos foi surgindo ainda mais temáticas e debates voltados para essa questão ocorrendo uma verdadeira construção de saberes entre seus docentes e discentes, diminuindo a evasão acadêmica indígena.

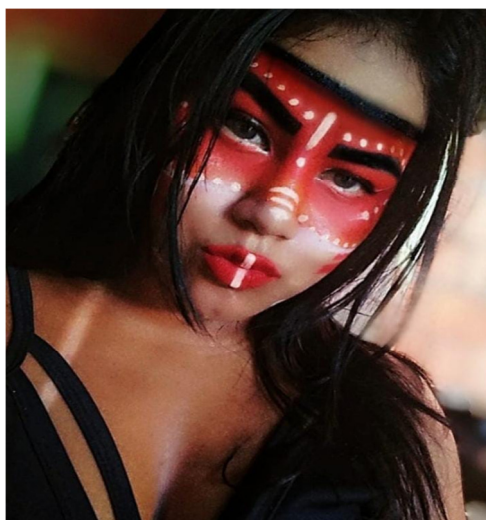
Assim, apresentado o meu tema e sua construção, nos próximos capítulos apresento minha narrativa a partir da minha trajetória acadêmica, iniciando o primeiro capítulo contando quem eu sou e como minha identidade indígena foi sendo des-contruída ; no segundo capítulo refletimos sobre a in-visibilidade dos povos indígenas e o acesso ao ensino superior. Por fim, nas considerações finais retomo minha história para lembrar as instituições que é preciso descolonizar suas práticas.

1. CAPÍTULO 1: DA INFÂNCIA À ADOLESCÊNCIA:

1.1. Transições Culturais

Eu sou Gabriella dos Santos Paiva, indígena Sateré Mawé (não falante da língua), sou parteira e erveira, nasci em 17 de setembro de 1997, no Município de Maués que fica distante a 267 km, em linha reta, da capital Manaus. O nome Maués tem origem na língua Tupí e na tradução significa curioso e inteligente. Maué ou Maue também é o nome usado para designar a nação indígena que habitava a região e que pode significar “Papagaio falante ou inteligente”.

Figura 1 - Foto da acadêmica Gabriella Sateré Mawé



Fonte: acervo pessoal,2020.

O Município de Maués se funda principalmente em torno da cultura do guaraná e por ser considerada a terra dos Octogenários. Segundo o site da Prefeitura de Maués:

Pesquisas feitas em Maués indicam que o guaraná pode contribuir para a maior longevidade dos idosos. Grande parte da população costuma misturar o pó de guaraná com água e açúcar para ter mais disposição durante o dia. Hábito que vem dos índios da região que há muito tempo fazem a bebida para ter energia para caçar e cuidar dos afazeres diários. O que estes índios descobriram há muito tempo tem sido estudado nos últimos anos. Muitas pesquisas são feitas com guaraná

para dar crédito científico ao que a sabedoria popular apregoa. É antioxidante, energético, afrodisíaco, tira a fome e é considerado parte do que garante longevidade aos moradores da região amazônica. (<https://www.maués.am.gov.br/a-cidade>)

Meus pais também são originários do município de Maués. Eu sou filha do casal Eva Martins dos Santos Neta, indígena Karawk Karajaí, falante da língua por parte de pai (meu avô) e indígena Munduruku não falante da língua, por parte de mãe (minha avó) e Benigno Pinto Paiva, indígena Sateré Mawé, não falante da língua, por parte de mãe (minha avó). Sou a quarta filha dentre oito irmãos.

Moro em Manaus fixamente há 6 anos, pois tive que estabelecer morada fixa por conta da aprovação no vestibular da UEA em 2016. Na minha infância eu fui dada em adoção para os parentes de minha mãe que residiam em Maués, enquanto meus pais iam em busca de melhores condições de vida na cidade de Manaus, então eu fiquei separada de meus pais, pois era a filha caçula. Passei a morar de forma alternada com meus avós (Kharu e Antônio) e meus tios (Charles e Arlete), familiares de minha mãe em Maués, pois minha família era muito humilde e ainda não havia conseguido se estabilizar em Manaus.

Na cidade de Manaus meu pai se estabeleceu como vendedor ambulante de bombons no centro da cidade e minha mãe como auxiliar de serviços gerais dedicada também as atividades domésticas e cuidados com os filhos. Minha família reside em Manaus desde 1997 quando decidiram sair de Maués com destino para Manaus, pois a família estava crescendo e eles precisavam de melhores condições de vida.

Morei nas comunidades em torno de Maués, sendo a primeira denominada Lago das Garças, situada próximo ao rio Paraná do Urariar de cima, com meus avós até meus 4 anos de idade. Minha avó já me instigava a ser parteira e erveira, e em segundo lugar na comunidade denominada de Castanhal próximo ao Urariar de Baixo, em uma fazenda com meus tios que apresentavam uma maior estabilidade financeira.

Ao completar 07 anos de idade precisei sair de Maués para voltar a morar com meus pais pois minha mãe se sentia arrependida por ter me deixado, assim retornei a Manaus para dar início aos meus estudos na capital onde meus pais já tinham fixado moradia. Eu sai de Maués por não haver escolas suficientes e pela ideia de que a capital do Amazonas, Manaus, me daria um ensino mais eficaz e de sucesso.

Figura 2 - Cidade de Maués



Fonte: Google Maps, 2021.

1.2. Descendências Ancestrais

Pai – Pertencente ao povo Sateré Mawé

Benigno Pinto Paiva natural de Maués-AM, indígena do povo Sateré-Mawé não falante da língua, filho de Benigno Rodrigues Paiva e Gemima Lopes Pinto.

Avô: Benigno (meu avô) era marinheiro não indígena, natural de Portugal que veio a Maués em missão a comando da Marinha portuguesa para assim levar através do meio fluvial o Guaraná, produto muito comercializado na região.

Em virtude das frequentes negociações do Guaraná com comerciantes do povo Sateré-Mawé, Benigno (meu avô), conheceu uma jovem Indígena falante do povo Sateré-Mawé chamada de Gemima (minha avó). Ele ficou tão encantado pela beleza da jovem que deixou de servir a marinha portuguesa e casou-se com Gemima com a permissão do povo Sateré, passando assim a viver na Cidade de Maués, na Comunidade Lago Grande.

Avó: Gemima Lopes Pinto, indígena do povo Sateré Mawé, falante da língua.

Benigno (meu Pai) é o penúltimo filho dessa união, dentre 7 irmãos. Não se recorda bem de seus pais, pois sua mãe faleceu logo após o nascimento de gêmeos que faleceram junto com ela em decorrência de complicações no parto, e seu pai após a perda de sua amada, entrou em uma profunda depressão emocional e veio a falecer 2 anos depois do ocorrido, deixando os 5 filhos órfãos que foram cuidados de forma alternada pelas tias.

Para evitar uma infância ainda mais traumática a Benigno (meu pai) uma de suas tias ficou responsável por sua guarda até a sua fase adulta, eles deixaram a comunidade lago grande e se deslocaram a cidade de Maués. Ao atingir a fase adulta Benigno (meu pai) tornou-se Marinheiro oficial concursado igual a Benigno (meu avô) como forma de homenagem ao mesmo.

Figura 3 - Comunidade Lago Grande



Fonte: Google Maps, 2021

Minha mãe é Eva Martins Dos Santos Neta, indígena do povo Karajá falante da língua, natural de Maués-AM, moradora na comunidade Lago das Garças, filha de Carolina Martins Dos Santos, Indígena Munduruku não falante da língua e Antônio Marinho dos Santos, indígena do povo Karajá falante da língua.

Figura 4 - Comunidade Lago das Graças



Fonte: Google Maps. 2021

Minha avó é conhecida como “Kharu” que é seu nome indígena que significa Querida. Ela é erveira e obteve esse conhecimento de forma tradicional que foi e é passado de geração em geração pelo seu povo, tem pleno conhecimento sobre ervas e plantas medicinais. As erveiras são mulheres nascidas e criadas com base na cultura da “cura” por meio de banhos de cheiro, preparados a partir de ervas originalmente indígenas.

Kharu também é parteira, porém esse conhecimento ela adquiriu sozinha, pois ela via a necessidade de amenizar a dor das mulheres na hora do parto. As parteiras tradicionais tem como função exercer as seguintes atribuições: auxiliar a gestante durante o parto e prestar

cuidados à gestante logo após o parto e ao recém-nascido. Era comum naquela época o exercício do ofício dessa profissão.

1.3. Abertura da visão para o mundo espiritual

Apresento a vocês uma das receitas de minha avó:

Ingredientes:

- 1 Folha da planta Escama de pirarucu (Corama).
- Fogo (para aquecer a folha).

É necessário que a folha colhida seja bem suculenta e não tenha nenhum tipo de rasura, eu prefiro as maiores e que tenham uma cor bem intensa. Após feita a coleta da folha deve-se lavar em água corrente para retirar qualquer impureza. Pegue a folha e leve diretamente ao fogo (boca do fogão, vela, isqueiro), com muito cuidado para não se machucar, nesse processo a folha mudará de cor para um verde ainda mais intenso.

Quando a cor estiver totalmente mudada, tiramos do fogo e deixamos esfriar, pode ser na nossa própria mão ou em um local seco e arejado. Este processo é semelhante a um assado o qual é feito em algumas ocasiões. Na hora de fazer a aplicação a pessoa precisa estar deitada ou em alguma posição confortável e favorável ao processo.

A aplicação é feita diretamente em ambos os olhos, para isso é necessário espremer a folha com cuidado até ela liberar um líquido e é esse líquido que deve ser aplicado diretamente no olho. Mentalize a situação que você deseja ser guiado pelos guias espirituais, você sentirá uma leve ardência no local, o que é normal, é aconselhável gotejar inicialmente 3 gotas em cada olho.

Essa quantidade poderá ser dobrada quando você criar mais resistência em cada processo que você efetuar. Não ultrapassando a quantidade de uma folha de escama de pirarucu (Corama) por dia, não indicado para pessoas que temem ver o “anormal”, ou que tenham muito medo/receio. Se for a sua primeira vez utilizando esse método é aconselhável você ter uma companhia ao dormir.

Durante o sono é o momento mais apropriado para os espíritos se comunicarem com você, pois ao dormir repousamos e entramos em um estado de equilíbrio entre corpo e alma, é o que minha avó Kharu justifica, na maioria das vezes ao efetuar essa receita obtemos algumas experiências “diferentes”, porém não precisa ter medo, e não é em todos os casos que isso ocorre.

Essa receita foi passada através de uma geração familiar originada do povo indígena Munduruku ao qual minha avó (Kharu) faz parte, essa receita é responsável pelo grande êxito em sua função de parteira pois assim ela recebia o auxílio de guias espirituais que a faziam

enxergar além do que seus olhos podiam ver, Kharu nunca realizou um trabalho de parto sem antes efetuar essa receita.

Kharu também afirma que essa receita ajuda a perceber as energias negativas e pessoas que queiram agir de má fé com você, sua intuição fica mais aflorada e “orações contrárias” não recaem sobre você. Acredita-se também que a folha de escama de pirarucu (corama) por ser uma planta medicinal, os benefícios para saúde e bem-estar são muito elevados.

A folha de escama de pirarucu (Corama) segundo a afirmação de Kharu é o seu segredo para a saúde dos olhos, pois ela declara que a folha de escama de pirarucu combate também a carne crescida dos olhos, inflamação, bactérias e o surgimento de “catarratas”. Apesar da idade avançada Kharu nunca precisou usar óculos de grau e possui bastante orgulho disso.²

Em sua comunidade no Lago das Garças nas proximidades do Rio Paraná do Urariar, não havia maternidades nem médicos na região onde morava, por isso sua função tinha grande destaque em sua comunidade. Ao total ela fez 29 partos, todos executados com êxito . O parto domiciliar é baseada em saberes e práticas tradicionais. Kharu também fazia o uso de pinturas corporais para assim realizar cada parto em que era solicitada.

Cada pintura realizada tem um propósito, essa que ela usava em específico representava “o olho que tudo vê” como forma de enxergar além do que os nossos olhos podem nos mostrar, representando a força da mulher através dos guias espirituais, que auxilia a parteira no seu feito, trabalhar ajudando a trazer vidas a nosso mundo é gratificante e necessário, dominar essa técnica foi uma espécie de dom dado pelas divindades.

Minha avó Kharu sempre foi muito reconhecida pela função de parteira, em decorrência de seus feitos na comunidade ao qual morava ela tornou-se líder comunitária de um refúgio que abrigava indígenas e não indígenas, denominado de Divino Espírito Santo, esse cargo foi dado a ela através de votação pelos próprios moradores do refúgio.

Kharu atraía bastante atenção e admiração por seus feitos, principalmente dos homens e foi por isso que meu avô Antônio se sentiu fascinado por ela, eles se conheceram no refúgio, se tornaram grandes amigos e depois cônjugues, foram casados no civil e religioso até o ano de 2020 quando Antônio veio a falecer vítima da COVID-19. Dessa união surgiu 8 filhos, Eva (minha mãe) é a 6ª filha.

² Veja também <https://portalamazonia.com/videos/corama-um-remedio-natural-para-o-tratamento-da-gastrite>

O Refúgio era um espaço que abrigava indígenas e não indígenas das proximidades do Lago das Garças, onde os membros saíam de suas aldeias ou moradas fixas por conta da precariedade financeira, profissional e de saúde. Kharu fez parte desse refúgio por 5 anos, atualmente vive na cidade Maués por conta da idade avançada. Nesse refúgio eu também cresci e aprendi a dominar as técnicas de parteira, erveira e artesã. Essa aprendizagem no âmbito comunitário, Brandão vai chamar de processo educativo.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: Educação? Educações. [...] Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante”. (BRANDÃO, 1981, p.23).

Em decorrência desse abrigo era possível encontrar vários indígenas de diversos povos inclusive as que eram mais isoladas ou desconhecidas pelo homem branco, algo que ficou marcado em minha memória era essa grande diversidade que cada um possuía.

Quanto a esta concepção, afirma Enriquez, que a memória representa:

[...] as possibilidades de a memória ser fonte de experiência, de comunidade/ruptura, de identidade, de sentido e de comunicação. Com essas possibilidades a memória adquire qualidade em pelo menos quatro níveis: como consciência histórica, como argumento, como explicação histórica e como narrativa (ENRIQUEZ, 2002, p. 121).

Ao ter essa convivência com diversos povos indígenas eu aprendi a desenhar antes mesmo de falar, pois os grafismos indígenas ou desenhos era nossa forma de comunicação, já que não entendíamos as diferentes línguas que ali coexistiam. O grafismo foi algo que aprendi sozinha e por isso eu faço o uso de alguns de minha própria autoria que refletem meus sentimentos, palavras e ocasiões especiais. Para mim o grafismo é como as palavras, só que escritas no corpo.

Alguns grafismos têm seu uso específico, para representação do clã, festa, caça, luta. É importante procurar saber o significado e a representação em cada povo indígena para não fazer uso em momentos inadequados.

1.4.Herdando os dons da vovó Kharu

Aos meus 11 anos de idade vovó Kharu percebeu que eu tinha herdado seus dons a partir de uma observação de longe que ela fez enquanto eu brincava com alguns amigos no Refúgio Divino Espírito Santo, um amigo meu caiu de uma árvore de pé de manga e acabou

deslocando o braço direito, eu não aguentei ver seus gemidos de dor e fui ajudar mediante aquela situação e acabei fazendo o movimento para trazer aquele braço novamente para seu lugar, consegui fazer o feito com êxito. Depois disso minha avó não me deixava mais participar de nenhuma brincadeira pois ela dizia que eu tinha um dom e que não podia desperdiçar, com isso eu troquei as brincadeiras por ervas e parto para assim manter viva as tradições de nossa família. Ensino que ajudou muitas mulheres e Homens da vila e proximidades, ao retornar para Manaus deixei de exercer essas funções por conta do preconceito e estereótipos que a sociedade impõe sobre a cultura indígena.

1.5. Da Trajetória educacional a autoafirmação indígena

Por incentivo de minha mãe eu sempre fui muito aplicada aos meus estudos e mesmo com as dificuldades financeiras ela sempre fez questão de que seus filhos estudassem para assim ter uma melhor qualidade de vida. Quando eu cursei o primeiro ano do ensino médio os professores da escola onde eu estudava apresentaram aos alunos a prova do SIS- UEA e do PSC- UFAM.

A escola onde eu estava cursando o ensino médio era referência em ter o maior número de ex-alunos da instituição aprovados no vestibular de uma faculdade pública, e com isso eles preparavam intensivamente os alunos para o período de prova, ofereciam também ajuda na hora da inscrição. Para mim foi de grande ajuda pois eu não conhecia o que era o SIS e o PSC, e nem sabia para que servia uma faculdade ou um curso superior.

Ao obter ajuda dos professores e de todo os funcionários daquela instituição escolar eu segui firme no objetivo de ser aprovada em um vestibular, ao terminar o ensino médio eu recebi a tão esperada e feliz notícia de que fui aprovada no curso de pedagogia da UEA. Ingressei na Faculdade no ano de 2016 pela ampla concorrência, no curso de Licenciatura em Pedagogia sendo a primeira filha de meus pais a fazer um curso superior.

Desde o primeiro período, não foi tão fácil como eu imaginava, a linguagem era mais técnica, os recursos tinham que ser mais avançados (notebook, celular, tablet) e eu me expressar usando a linguagem acadêmica foi desafiador. Pensei em desistir pois as minhas notas estavam muito abaixo da média em algumas matérias, fiquei reprovada em duas matérias e uma delas foi em informática, pois eu não tinha a ferramenta notebook..

Ao chegar no 3º período da faculdade, fui instigada por amigas de sala de aula a participar de um concurso de beleza denominado de “Musa da ENS”, esse concurso ia eleger a mais “bonita” para representar a Unidade de Ensino nos Jogos universitários entre as unidades da UEA. Eu estava concorrendo com a acadêmica W.W. as votações para eleger a vencedora foram feitas através de uma rede social.

A vencedora ia ser aquela que tivesse mais curtidas em sua foto. Me lembro que a W.W. escolheu uma foto na qual ela estava com adornos indígenas e eu havia escolhido uma foto comum. W.W. argumentava na publicação que a representante denominada como musa, tinha que ser uma indígena para assim acabar com os “estereótipos” de padrão de mulher.

Por se tratar de uma rede social e essa postagem ser aberta ao público, fui reconhecida por uma tia (Marcivana) que era amiga de W.W. mas que eu não tinha conhecimento de sua existência, que comentou a publicação do concurso alegando que eu (Gabriella) também era indígena do povo Sateré Mawé. Essa notícia causou um grande impacto e uma reviravolta na minha vida. W.W. foi eleita vencedora!

A universidade me proporcionou momentos de grandes descobertas, essa notícia é um exemplo, eu sabia que tinha descendência indígena apenas por parte de mãe, mas por não ter RANI eu nunca me assumi publicamente. Marcivana Sateré Mawé é referência de empoderamento feminino indígena e seus feitos pela comunidade são muito reconhecidos e admirados.

Assumir-me como indígena não foi muito fácil para mim, apesar de eu ter uma grande admiração pelos povos originários, eu sabia da grande responsabilidade que isso tem na vida de alguém que se assume “indígena”, principalmente com uma tia que é referência. Meu pai ocultou muitos detalhes de minha ancestralidade e não gostava de me ver fazendo parte desse movimento.

Marcivana Sateré Mawé, após o ocorrido, me procurou para dialogar no privado e contou minha história e a história de meus ancestrais. Marcivana Sateré Mawé é uma grande liderança feminina indígena, que faz parte da Coordenação dos Povos Indígena de Manaus e Entorno (Copime). Ela foi eleita a primeira mulher indígena coordenadora geral da COPIME e tem contribuído para dar visibilidade a realidade dos povos indígenas de Manaus e em todo o entorno da capital do estado do Amazonas.

Então eu comecei a des-construir minha identidade indígena Sateré Mawé. Assim, no próximo tópico, apresento o povo Sateré Mawé, meu povo. Antes, porém, ressalto que minha avó Kharu pertence ao povo Munduruku e estudando sobre os Sateré Mawé, identifiquei que há uma relação entre esses dois povos, como casamentos. Apesar de tê-la como referência, sou Sateré Mawé, identidade étnica herdada do meu pai.

Hall (2006) chama a atenção para a forma como as identidades culturais, que derivam do nosso pertencimento à cultura, sofrem contínuos deslocamentos ou descontinuidades. Segundo o autor, as sociedades modernas não têm nenhum núcleo identitário supostamente fixo, coerente e estável. Penso que eu sou um desses exemplos.

1.6. O Povo Sateré Mawé

Segundo o ISA (Instituto Sócio Ambiental)³ os Sateré-Mawé habitam a região do médio rio Amazonas, também são encontrados morando nas cidades de Barreirinha, Parintins, Maués, Nova Olinda do Norte e Manaus, todas situadas no estado do Amazonas.

No mesmo site há informações do Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé (CGTSM), atualizados em 2014, de que os Sateré-Mawé somam aproximadamente, 13.350 indígenas vivendo às margens dos rios Uaicurapá, Andirá, Urupadi, Marau, Manjuru e Miriti, e de seus igarapés. Com o processo intenso de migração para as áreas urbanas, os Sateré-Mawé podem ser encontrados nas cidades de Barreirinha, Parintins, Maués, Nova Olinda do Norte e Manaus.

Ainda segundo o site do ISA, são chamados regionalmente "Mawés. Porém, ao longo de sua história, já receberam vários nomes, como: Mavoz, Malrié, Mangnés, Mangnês, Jaquezes, Magnazes, Mahués, Magnés, Mauris, Mawés, Maragná, Mahué, Magnesés, Orapium.

Autodenominam-se Sateré-Mawé. O primeiro nome - Sateré - quer dizer "lagarta de fogo, referência ao clã mais importante dentre os que compõem esta sociedade, aquele que indica tradicionalmente a linha sucessória dos chefes políticos. O segundo nome - Mawé - quer dizer "papagaio inteligente e curioso". A língua Sateré-Mawé integra o tronco lingüístico Tupi.

São considerados os inventores da cultura do guaraná, pois os Sateré-Mawé domesticaram a planta e criaram o seu processo de beneficiamento, possibilitando que hoje o guaraná seja conhecido e consumido no mundo inteiro.

A auto-imagem dos Sateré-Mawé como filhos do guaraná está traçada no plano ideológico no mito da origem. Inventores da cultura do guaraná, os Sateré-Mawé transformaram a *Paullinia Cupana*, trepadeira silvestre da família das Sapindáceas, em arbusto cultivado, introduzindo seu plantio e beneficiamento. O guaraná é uma planta nativa da região das terras altas da bacia hidrográfica do rio Maués-Açu, que coincide precisamente com o território tradicional Sateré-Mawé.

O *waranã* é o produto por excelência da economia sateré-mawé, e dos seus produtos comercializáveis é o que obtém melhor preço no mercado. É possível ainda pensar que a vocação para o comércio

³ https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sater%C3%A9_Maw%C3%A9 Acessado em 10/07/2021

demonstrada pelos Sateré-Mawé se explique pela importância do guaraná na sua organização socioeconômica. (ISA, 2021)

Ao tuxaua cabe hospedar os visitantes demonstrando sua generosidade e procedendo à função cerimonial de oferecer çapó - guaraná em bastão ralado na água, bebida cotidiana, ritual e religiosa, que é consumida em grandes quantidades.

Observa-se na cultura Sateré-Mawé que embora os símbolos não sejam de significados tão explícitos, é possível identificarmos alguns como o Waraná, como já foi citado, o Purantin, a luva da Tucandeira, a Mandioca, etc. (ESTEVEZ, 2008, p. 66)

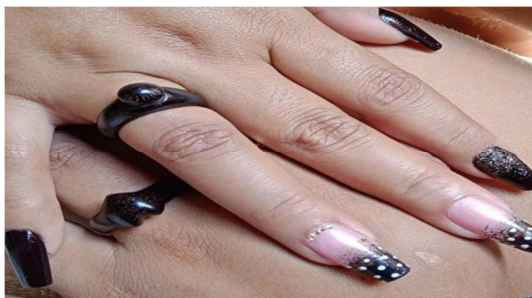
Atualmente, por minha família não viver em aldeia, não se é aguardado a presença de um tuxaua para oferecer o Sapó (guaraná em pó). Na minha família ainda continuamos a consumir a bebida mesmo habitando na capital, por questões tradicionais e medicinais, é importante saber diferenciar o pó do verdadeiro guaraná, por isso, só consumimos o que nossos parentes de Maués produzem.

É fato que um indígena habitante de Maués ou redondezas oferece çapó a visita como forma de demonstrar sua generosidade como uma espécie de (seja bem-vindo) e a visita em sinal de respeito não deve negar o que lhe é ofertado, pois assim acreditamos que ela é alguém que não irá trazer “azar/maldição” a casa, entre outras crenças. Antigamente tínhamos que ralar o bastão do guaraná na língua do pirarucu seca para assim adquirir o pó e gerar a bebida porém com o lei de proteção ao pirarucu agora a produção já não é mais feita em bastão.

Minha avó Kharu sempre faz questão de tomar guaraná em pó todo os dias , pois ela alega que isso lhe dar força e ajuda a manter sua saúde apesar da idade já avançada. Ela sempre aconselha as mulheres , as quais ela ajuda no parto, a ingerir a bebida para assim se recuperarem mais rápido, e sempre fez questão de ensinar seus filhos e netos o consumo dessa bebida.

Além do Sapó umas das principais fontes de renda das mulheres do povo Sateré Mawé é a venda de artesanatos feito com materiais da própria natureza que ganham forma de adornos indígenas na mão das artesãs, como os mostrados nas figuras abaixo.

Figura 5 - Anel feito de caroço de tucumã



Fonte: acervo pessoal, 2021.

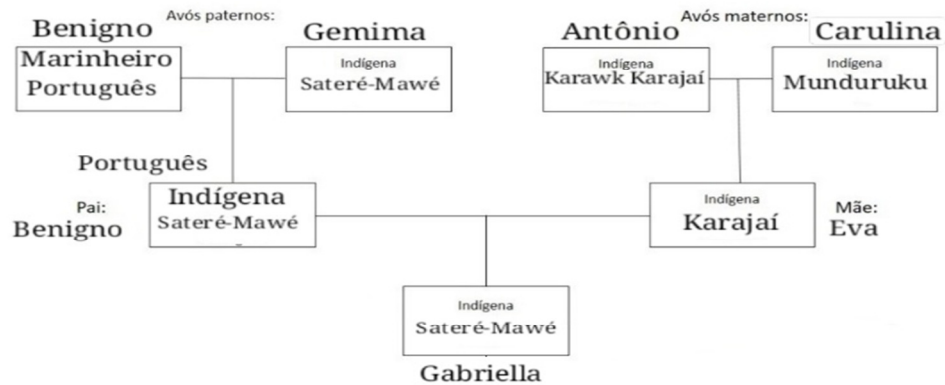
Figura 6 - Brinco feito com sementes de morototó



Fonte: acervo pessoal, 2021.

Essa é a minha trajetória pessoal de vida que se forjou numa mistura de povos e conhecimentos diferentes. Assumir-me indígena Satere Mawé foi um grande desafio que eu encontrei e venci na universidade. Foi nesse espaço que busquei conhecer minhas raízes e quanto mais eu me aprofundava, mais queria conhecer. Abaixo, apresento um mapa da minha ancestralidade, que, mesmo sem eu saber, construíram o meu ser pessoa, meu ser indígena.

Figura 7 - Mapa da minha ancestralidade



Fonte: Autoria própria, 2021.

1.7. Convite inesperado

Passado o dia do Concurso para Musa da ENS, a acadêmica W. W. me procurou para saber se eu realmente era sobrinha da Marcivana Sateré, eu afirmei que SIM! Então ela me fez o convite para ser integrante de um projeto de extensão na faculdade que estava começando a ser formado e tinha como coordenadoras as Professoras. Celia Bettiol e Jeiviane Justiniano, eu disse que gostaria sim de participar, mas que eu não era indígena, pois não tinha RANI.

W.W. com muita paciência e diálogo me ajudou no meu processo de autoidentificação indígena. Eu entendi que o sentimento de pertença a um povo é maior que um documento e que não ser falante da língua não significa que você deixou de ser indígena. Ela me convenceu a integrar o projeto de extensão que estava sendo formulado para ajudar a autoafirmação indígena dentro da universidade, e dentro do projeto eu comecei a trabalhar minha identidade de acadêmica indígena, o projeto também me ajudou a vencer as dificuldades e minhas notas já estavam mudando para melhor.

2. CAPÍTULO 2: VISIBILIDADE INDÍGENA

Neste capítulo, minha narrativa enfatiza os projetos de extensão dos quais eu participei e que contribuíram para minha autoafirmação indígena.

2.1 Os Projetos de Extensão “Tecendo Diálogos Interculturais” e “Práticas de leitura e escrita: o português como L2 para acadêmicos indígenas”.⁴

Eu participei dos projetos como integrante indígena Sateré Mawé, identidade que eu passei a assumir em decorrência da minha autoafirmação e que aprendi a orgulhar-me. Os projetos começaram com a iniciativa das Professoras Célia Aparecida Bettiol e Jeiviane Justiniano juntamente com os acadêmicos indígenas, cujo objetivo é discutir a interculturalidade e fomentar a política de permanência dos acadêmicos indígenas na universidade, assim como trabalhar oficinas de Língua Portuguesa, tratando-a como segunda língua.

Os integrantes do projeto são indígenas e não indígenas, docentes e alguns voluntários que participam do projeto promovendo uma valorização das diferenças no contexto universitário. Gerar autonomia e protagonismo dentro do ambiente deixou de ser um sonho e tornou-se realidade com a criação dos projetos de extensão. O quadro de integrantes indígenas do projeto está composto por:

04 Tikuna:

- 01 Ciências Biológicas
- 02 Geografia
- 01 Letras

02 Kokama

- 01 Pedagogia
- 01 Ciências Econômicas

02 Apurinã

- 01 Geografia
- 01 Letras

01 Tuyca

- 01 Matemática

01 Munduruku

⁴ Os projetos são no âmbito da PROEX/UEA que disponibiliza as bolsas aos acadêmicos participantes.

- 01 Geografia

04 Baré

- 02 Geografia
- 02 Pedagogia

03 Sateré Mawé

- 01 Pedagogia
- 02 Biologia

01 Tukano

- 01 Pedagogia

01 Whitoto

- 01 Pedagogia

01 Kubeo

- 01 Enfermagem

01 Karapana

- 01 Teatro

Ao surgir os projetos de extensão voltados aos indígenas como O “Tecendo diálogos interculturais e as Práticas de leitura e escrita: o português para acadêmicos indígenas” fortaleceu a discussão sobre a política de permanência dos acadêmicos indígenas na universidade.

O projeto trabalha com diferentes ações que nos possibilitam interagir, conhecer-nos e fortalecer-nos mutuamente enfrentando os desafios que encontramos. Neste lugar também encontramos a possibilidade de produzir academicamente por meio da participação de eventos, de aprofundar nossos conhecimentos e cultura (roda de mulheres, lives, debate com convidados) e o projeto “Memórias do Isolamento” que oportunizou escrever nossas vivências durante a pandemia.

Em meio a inúmeros desafios de ser indígena fora do seu território de origem , a língua é um dos principais pois muitas vezes chegamos com o domínio maior apenas da nossa língua materna o que dificulta a socialização e interação com o ambiente e os demais acadêmicos.

Outras vezes o vocabulário limitado, a timidez, o medo de ser rejeitado, o medo do fracasso são algumas das sensações e empecilhos que sofremos nesse ambiente totalmente novo. Eu, por exemplo, me sentia deslocada e eu sempre tinha muitas dúvidas sobre várias

coisas e eu não tinha a quem perguntar, pois nenhum dos meus irmãos tinham frequentado um ambiente assim e por medo de sofrer preconceito eu vivia calada dentro de sala de aula.

Essa situação só mudou com a ajuda do projeto Práticas de leitura e escrita: O português como L2 para acadêmicos indígenas ao qual a professora Jeiviane e os monitores atuam em conjunto com o projeto Tecendo Diálogo Interculturais, inclusive com os mesmos coordenadores. Nesse projeto eu aprendi a me familiarizar com a linguagem mais acadêmica que seria uma linguagem mais técnica e consegui compreender melhor meus professores.

Aprendi a ser menos tímida com a ajuda do projeto TABIHUNI (Núcleo de pesquisa e experimentações das Teatralidades Contemporâneas) que atua junto aos projetos já mencionados, que me ajudou em relação a expressão corporal. Na roda de conversa entre mulheres, ao falar de minha ancestralidade percebi que deveria me importar mais com todos os saberes e conhecimentos dos meus antepassados, pois como ao falar algo em voz alta, você percebe algo que antes não percebia.

Quando falamos de identidade indígena, por exemplo, estamos falando de uma pessoa que está envolvida em uma complexa teia de relações, que vai constituindo-se como indígena, pertencente a um povo específico, mas também que estabelece contatos e negociações com a sociedade envolvente, com outros povos étnicos.

Dentro da sala de aula a questão da língua também foi um desafio pois eu não estava acostumada com aquele tipo de linguagem, e essa dificuldade as vezes permanece quando o texto é muito complexo ou de difícil interpretação. Minha felicidade é fazer parte desse projeto pois nele eu encontro refúgio e auxílio que eu tanto almejava encontrar. Que Tupana abençoe a todos que mesmo não sendo indígenas lutam conosco, povos indígenas, se sensibilizando também com a causa.

Diante de tanta dificuldade é uma imensa alegria saber que o ambiente universitário da UEA com seus projetos de extensão que se originou na ENS e se expandiu e alcançou outras unidades se encontra aberto a receber e acolher os povos indígenas nas suas várias diversidades e assim dar oportunidade para a autoafirmação indígena.

Entretanto, é necessário reforçar que o acesso ao ensino Superior pelos povos indígenas ainda é uma luta em construção, como destaque no próximo tópico. Entendo que minha história encontra ecos na história de outros indígenas acadêmicos, inclusive da UEA, e então, a minha narrativa alcança também um sujeito coletivo, ou seja, o acadêmico indígena.

2.2. Políticas públicas voltadas aos povos indígenas na Universidade

A Universidade do estado do Estado Amazonas (UEA) é uma instituição de Ensino Superior Pública do governo do Estado do Amazonas. Nela é ofertado mais de 30 cursos, sendo a maior Universidade Multicampi do País. Sua atuação é efetivada na capital de Manaus-AM e em alguns municípios próximos, obtendo 5 núcleos na capital sendo eles:

- ✓ Escola Normal Superior (ENS)
- ✓ Escola Superior de Ciências da Saúde (ESA)
- ✓ Escola Normal de Tecnologia (EST)
- ✓ Escola Superior de Artes e Turismo (ESAT)
- ✓ Escola Superior de Ciências (ESO).

No interior do estado a UEA possui seis Centros de Estudos Superiores e doze Núcleos de Ensino Superior no Interior do Estado, ela obtém política de acesso aos povos indígenas, sendo as cotas que são ofertadas em todos os cursos no vestibular (reserva de vagas para indígenas, estabelecida pela Lei Ordinária nº 2894/2004 do Estado do Amazonas).

As cotas ofertadas à estudantes indígenas na Universidade geraram um pleno acesso a essas vagas já que também somos assegurados pela lei Lei 12.711/2012, conhecida nacionalmente como Lei de Cotas, que foi sancionada em 2012 e garante que universidades e institutos federais reservem em seus processos seletivos uma porcentagem de suas vagas para candidatos pretos, pardos e indígenas. Amaral em sua pesquisa sobre o tema nos diz que:

[...] os trabalhos analisados destacam a necessidade de as universidades que recebem estudantes indígenas, além de ampliarem suas ações, qualificarem as já existentes, conformando “políticas públicas de ensino superior voltadas efetivamente a esses sujeitos e sensíveis aos pertencimentos por eles construídos” (Amaral, 2010, p. 10).

Com a implementação dessa Lei, é visível e significativo o número de indígenas no Ensino Superior com um aumento de 544%. Segundo dados do Censo da Educação Superior, do Ministério da Educação (MEC), em 2012 o número de indígenas matriculados em faculdades e universidades brasileiras era de 8.958, já em 2018 esse número saltou para 57.706.

Segundo (GIORDAN, 2020), A presença indígena nas universidades públicas antes das cotas era mínima. A partir das políticas afirmativas os povos originários passaram a integrar de maneira ampla e significativa, apesar de eu não ter entrado pelo sistema de cotas, fico feliz em saber que o direito de meus parentes indígenas continua sendo efetivado principalmente mediante ao atual cenário político.

O cenário político atual parece querer se demonstrar inimigo dos povos indígenas e na maioria das vezes temos um retrocesso diante de toda a luta que já enfrentamos antigamente, mediante essa situação é bom saber que indígenas estão se especializando cada vez mais para que assim esse conhecimento venha beneficiar seu povo.

Antigamente os povos indígenas tinham que ficar à mercê de alguém que se sensibiliza-se com a nossa causa e que pudesse nos auxiliar, esse cenário já mudou pois hoje em dia é comum você conhecer um indígena com curso superior, ocupando cargos de prestígio e somando na luta dos povos, sendo os verdadeiros protagonistas de uma historia marcada com o sangue de nossos ancestrais.

Hoje existe indígena advogado, médico, enfermeiro, contabilista, dentista, professor, pedagogo, entre outras funções, funções estas que antes só eram disponibilizadas aos homens brancos que tinham condições financeiras de arcar com os custos elevados de um curso superior e toda despesa que o universitário tem durante esse processo.

2.3.Ser Indígena Hoje

Ser Indígena atualmente é sinônimo de luta e resistência, o cenário não mudou muito desde a colonização europeia, pois ainda buscamos o direito de ser indígena e de estar na nossa terra sem ter medo de ser expulso ou assassinado. Mediante ao atual cenário político principalmente com a aprovação do Projeto de Lei 490, esse processo prevê mudanças no reconhecimento da demarcação das terras e do acesso a povos isolados.

As demarcações de terras são essenciais para garantir a existência e preservação de territórios, quanto mais o governo prolongar para demarcar uma área, ela fica vulnerável à invasão de grileiros, madeireiros e garimpeiros. A nossa defesa foi quebrada com a aprovação da lei 490, há anos lutamos pela demarcação dos nossos territórios e contra as atividades ilegais que estão destruindo a floresta e seus lugares sagrados.

As consequências dessas violências foram a extinção de muitos povos, a diminuição no número de pessoas, a perda de suas terras, o desrespeito e a desvalorização de suas culturas e a exploração sexual de mulheres e crianças indígenas. Infelizmente, essa trágica experiência foi vivida por muitos povos, fazendo surgir um grande retrocesso temporal.

Com a medida dos avanços tecnológicos ganhamos mais um aliado na nossa luta em prol a resistência, com a ajuda de alguns influenciadores indígenas conseguimos aos poucos mudar a forma de pensamento de várias pessoas que decidem conhecer e “abraçar” as causas indígenas gerando assim uma maior visibilidade aos povos, ganhamos espaços nas redes sociais onde nossa voz começa a ser ouvida e nossa cultura começa a ser respeitada e valorizada.

Ver a juventude indígena envolvida nesse processo de desconstrução do estereótipo indígena serve de inspiração principalmente a outros indígenas, ao sair da aldeia temos muitos anseios e receios principalmente ao se autoafirmar indígena por medo de “chacotas” ou piadas de mal gosto, não queremos ser ofendidos, o movimento de juventude indígena tem avançado muito e esperamos que avance ainda mais e assim os povos originários sejam reconhecidos para que tenhamos paz, respeito e igualdade de direitos.

Ser descendente de um povo originário diante dessa situação é ter que ser forte para manter as tradições culturais, pois possuímos práticas e conhecimentos únicos, esses conhecimentos são transpassados de geração em geração, prática feita principalmente por mulheres que defendem, protegem e mantem viva as heranças históricas. Nesse sentido, as mulheres indígenas também conquistam cada vez mais protagonismo. E ao encerrar minha narrativa, posso afirmar orgulhosamente: sou mulher Sateré Mawé e venho de uma linhagem de mulheres fortes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final da minha escrita afirmo que ainda existe em mim o desejo de aprofundamento e conhecimento do repertório cultural do meu povo. Creio que a identidade é algo dinâmico e a gente vai se re-construindo , se autoafirmando durante toda nossa existência. Nesse trabalho eu procurei narrar a minha autoafirmação identitária como mulher indígena . E narrando esse percurso, percebo que esse re-conhecimento não se deu sozinho. Várias pessoas estiveram ao meu lado, me incentivando, me ajudando a rememorar minha história.

Minhas memórias de infância junto à minha avó Kharu foram ressignificadas à luz dessa identidade étnica mostrada a mim pela minha tia Marcivânia e que eu assumi com o apoio da W.W. e dos projetos de extensão.

Nesse sentido, afirmo que os projetos “Práticas de leitura e escrita: o português para acadêmicos indígenas” e o “Tecendo diálogos Interculturais” ofertando apoio linguístico aos acadêmicos indígenas e a interação e atividades coletivas com os monitores não foi fundamental no meu percurso acadêmico. Para somatória da des-construção indígena, ressalto também a participação do Tabihuni: núcleo de pesquisa e experimentações das Teatralidades Contemporâneas UEA/ESAT.

O Tabihuni no apoia e contribui no desenvolvimento de estudos teóricos e práticos sobre o corpo e sua expressividade, em suas interfaces artísticas (Ritual, Dança, Teatro, Artes Plásticas, Música, Circo, etc.) e interculturalidades (Ribeirinhos, Povos Indígenas, Quilombolas etc.).

Para finalizar, enalteço a construção e existência desses projetos, pois foi com a participação neste lugar que me encontro finalista de um curso superior, mostrando a visibilidade indígena para assim romper as barreiras linguísticas e me autoafirmando indígena. Como eu disse anteriormente, faço parte de um coletivo e com isto os povos indígenas ganham espaço no ambiente acadêmico.

Por outro lado, chamo a atenção para a luta que ainda precisamos travar para consolidar políticas de acesso e permanência para os povos indígenas nas universidades públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, W. R. *As trajetórias dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos*. 2010. 591 f. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 1981.

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de psicologia*, Rio Grande do Norte, p. 371-378, 2002.

ENRIQUEZ, Eugene. Memória e identidade. In: DIEHL, Antônio, Astor. *Cultura e historiografia: Memória, identidade e representação*. Bauru, São Paulo: Universidade Sagrado Coração, 2002.

ESTEVES, Carlos Dinelli. *Prática pedagógica e construção de identidade Sateré-Mawé: Escola Wenteru - ponte entre o passado e o presente*. 2008. Dissertação de Mestrado. PPGE. UFAM.

GIORDAN, I. (07 de 07 de 2020). Acesso em 15 de 07 de 2021, disponível em Quero Bolsa: <https://querobolsa.com.br/revista/como-funciona-o-sistema-de-cotas-raciais-no-brasil-para-indigenas>

HALL, S. *A identidade na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SOUZA, E. C.; BRAGANÇA, I. F. S. (Orgs.). *Memória, dimensões sócio-históricas e trajetórias de formação*. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EdiPUCRS; Salvador: EDUNEB, v.3, 2012.

SOUZA, Elizeu Clementino. Diálogos cruzados sobre pesquisa auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Educação*. Santa Maria | v. 39 | n. 1 | p. 39-50 | jan./abr. 2014.

<https://www.maues.am.gov.br/a-cidade>

https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sater%C3%A9_Maw%C3%A9